ASSOCIAÇÃO DOS GEÓGRAFOS BRASILEIROS
SÃO PAULO

Boletim Paulista de Geografia

ISSN: 0006-6079 - e-ISSN: 2447-0945

Artigo

Dinâmica industrial e produção do espaço: transformações na aglomeração urbana de Campina Grande-PB

DAVIDSON MATHEUS FÉLIX PEREIRA
Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) – Campinas, São Paulo, Brasil.
davidsonacrata@outlook.com

ALEXANDRE SABINO DO NASCIMENTO
Universidade Federal da Paraíba (UFPB) – João Pessoa, Paraíba, Brasil.
alexandre.sabino@academico.ufpb.br

Boletim Paulista de Geografia
N°: 114
Ano: 2025

PEREIRA, Davidson M. F.; NASCIMENTO, Alexandre S. Dinâmica industrial e produção do espaço: transformações na aglomeração urbana de Campina Grande-PB. **Boletim Paulista de Geografia**, v. 1, n. 114, p. 140-165, 2025. https://doi.org/10.61636/bpg.v1i114.3730

Recebido em: 22 de janeiro de 2025
Aceito para publicação em: 05 de agosto de 2025
Editor responsável: Igor Carlos Feitosa Alencar

Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons - Atribuição 4.0 Internacional.

Dinâmica Industrial e Produção do Espaço: Transformações na Aglomeração Urbana de Campina Grande-PB

Resumo

A interação entre dinâmica industrial e produção do espaço suscita uma discussão complexa. A concentração de atividades industriais obedece a múltiplas lógicas estabelecidas pelo modo de produção dominante, e influencia na forma e no conteúdo de cidades e regiões. O presente trabalho tem por finalidade analisar o papel do desenvolvimento industrial nas transformações do espaço urbano-regional de Campina Grande, no estado da Paraíba. Para tanto, investiga as transformações recentes no espaço produtivo desse município e seus efeitos nas relações de trabalho da região. Nesse sentido, realiza um exame multiescalar das relações entre Campina Grande e os demais municípios da aglomeração urbana de seu entorno: Massaranduba, Puxinanã, Lagoa Seca e Queimadas. Metodologicamente, este artigo baseia-se em levantamento e análise de dados da RAIS e do Censo Demográfico do IBGE, em pesquisa bibliográfica, em estudo de campo e em análise de imagens de satélite. As principais variáveis utilizadas foram: crescimento populacional, local de exercício do trabalho, preço da terra urbana e evolução da ocupação na indústria. Os resultados demonstram que o setor de transformação contribuiu para a formação da aglomeração urbana de Campina Grande e que, ainda hoje, desempenha um papel polarizador. Além disso, a pesquisa aponta a presença de trabalhadores de municípios vizinhos na indústria da cidade e, também, para uma tendência relativa de desconcentração industrial para esses mesmos municípios.
Palavras-chave: Aglomeração urbana; reestruturação produtiva; Campina Grande-PB; urbanização; movimentos pendulares.

Industrial Dynamics and the Production of Space: Transformations in the Urban Agglomeration of Campina Grande-PB

ABSTRACT

The interplay between industrial dynamics and spatial production involves a complex discussion. The concentration of industrial activities obeys multiple logics established by the dominant mode of production, and influences the form and content of cities and regions. The purpose of this paper is to analyze the role of industrial development in the transformations of the urban-regional space of Campina Grande, in the state of Paraíba. To this end, it investigates recent transformations in the productive space of this municipality and their effects on labor relations in the region. For this purpose, it carries out a multiscalar examination of the relations between Campina Grande and the other municipalities in the surrounding urban agglomeration: Massaranduba, Puxinanã, Lagoa Seca and Queimadas. This study employs data analysis from RAIS and the IBGE Demographic Census, bibliographic research, fieldwork, and satellite image analysis. The main variables used were: population growth, place of work, urban land prices and evolution of employment in the industrial sector. Findings indicate that the manufacturing sector has historically shaped Campina Grande's urban agglomeration and continues to exert a polarizing influence. The study highlights the employment of workers from surrounding municipalities in Campina Grande's industries, alongside an emerging trend of industrial deconcentration toward these same municipalities.

Keywords: Urban agglomeration; productive restructuring; Campina Grande-PB; urbanization; commuting flows.

Introdução

A relação entre desenvolvimento industrial e urbanização no Nordeste é um tema que vêm sendo explorado recentemente (Pereira Júnior, 2015b). Desde a década de 1960 até os dias atuais, pesquisadores buscam compreender as formas pelas quais as atividades industriais se concentram em determinados espaços e geram processos de aglomeração urbana (Davidovich e Lima, 1975; Moura, 2009; Queiroz, 2013), bem como de que maneira os deslocamentos pendulares influenciam nestes processos (Moura *et al*., 2005; Miyazaki, 2008; Reolon e Miyazaki, 2015). Este artigo, resultado do desdobramento de uma pesquisa de doutorado em andamento,[1] analisa os efeitos da industrialização em um aglomerado urbano do Nordeste, com foco em Campina Grande-PB e municípios vizinhos.

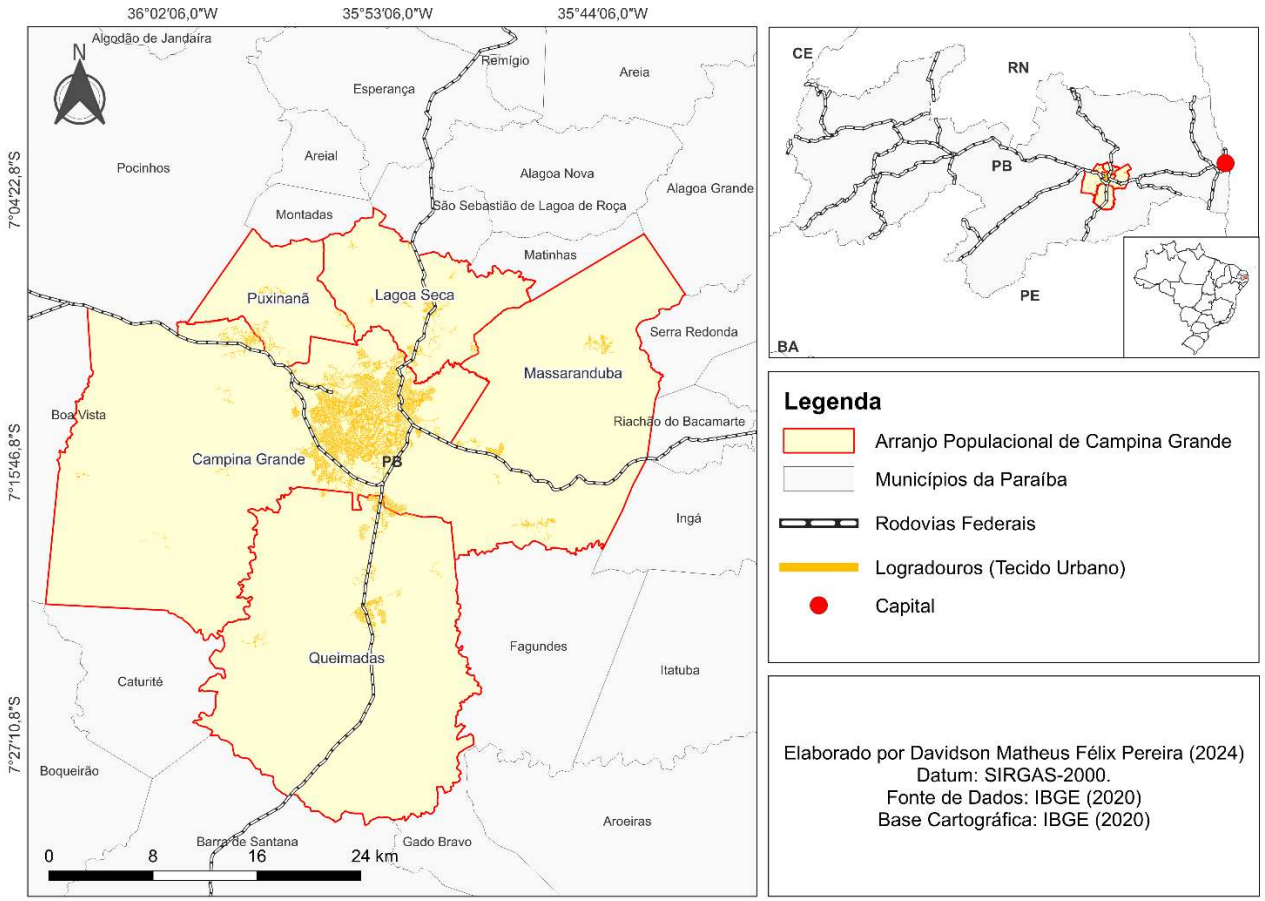
A partir da década de 1970, o novo padrão de acumulação capitalista redefiniu a divisão territorial do trabalho e impulsionou a difusão do meio técnico-científico-informacional no Brasil (Santos, 1997). A reestruturação produtiva e a desconcentração industrial expandiram aglomerados urbanos não metropolitanos (Moura, 2009), intensificando fluxos urbano-regionais. No Nordeste, setores intensivos em mão de obra, como o têxtil e o de calçados, consolidaram-se após o deslocamento de plantas industriais do Sudeste (Pereira Júnior, 2015a; Lima, 2023). Contudo, embora essa dinâmica tenha ampliado o emprego industrial na região, manteve o Sul e o Sudeste com o controle do capital, com a capacidade inovativa e com os empregos de maiores salários.

Campina Grande destaca-se nesse cenário pela sua posição geográfica, pelos incentivos fiscais e custos reduzidos de transporte e pelas economias de aglomeração, atraindo, com isso, indústrias que buscam empregar uma força de trabalho menos custosa e de menor organização política. Desde a década de 1990, a convergência entre o deslocamento do capital produtivo e a criação de condições gerais de produção nesse município vêm reestruturando seu espaço urbano e intensificando a urbanização para além de seus limites. Este artigo busca compreender as particularidades desse processo e sua influência na expansão do aglomerado urbano de Campina Grande, com ênfase no papel dos movimentos pendulares.

[1] Sendo também a continuação de nossa pesquisa de mestrado em Geografia (Pereira, 2021) realizada na UFPB, orientada pela Prof.ª Dr.ª Arlete Moyses Rodrigues (UNICAMP/UFPB) e coorientada Pelo Prof. Dr. Alexandre Sabino do Nascimento. A pesquisa de doutorado em Geografia está sendo realizada na Universidade Estadual de Campinas-UNICAMP, sob orientação da Profª Drª Arlete Moyses Rodrigues (UNICAMP) e versa sobre a reestruturação produtiva na indústria de calçados no Nordeste. Ambas Pesquisas contaram com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001. Este trabalho também faz parte do projeto coordenado pela Profª. Dr.ª Doralice Sátyro Maia (UFPB), intitulado: "Urbanização Contemporânea: Reestruturação e Desigualdades Socioespaciais", projeto integrado à Rede de Cidades Médias (ReCiMe).

A área de estudo compreende os municípios do arranjo populacional de Campina Grande, conforme definido pelo IBGE no estudo “Arranjos Populacionais e Concentrações Urbanas do Brasil” (IBGE, 2016). Esse arranjo é composto por cinco municípios, sendo Campina Grande (PB) [2] o núcleo, e os demais, Puxinanã (PB), Queimadas (PB), Lagoa Seca (PB) e Massaranduba (PB), integrantes (Figura 1).

Figura 1 - Configuração da Aglomeração Urbana de Campina Grande/PB (2022)



Fonte: Elaborada pelos autores (2024) a partir de dados do IBGE (2020).

Os arranjos populacionais[3] são definidos como unidades espaciais, organizadas conforme elementos de proximidade e aglutinação, que reforçam a contiguidade do processo de urbanização. Tanto a aglomeração quanto os deslocamentos pendulares desempenham papéis importantes na consolidação desse fenômeno (IBGE, 2016). Esses arranjos são, portanto, condição e resultado de relacionamentos cotidianos entre as populações desses municípios.

[2] Campina Grande caracteriza-se por sua importância econômica e centralidade na rede urbana do estado da Paraíba, bem como na região Nordeste. O estudo das regiões de influência realizado pelo IBGE, o REGIC, classificou-a, em 2020, como capital regional C, dado o seu papel como centro de referência para os municípios de diferentes regiões do estado da Paraíba: Brejo, Agreste e Cariri (IBGE, 2020), possuindo, atualmente, cerca 419 mil habitantes conforme o Censo demográfico de 2022.

[3] São considerados pelo IBGE na categorização de Arranjo populacional: 1) Intensidade relativa dos movimentos pendulares e integração a partir do movimento pendular; 2) Intensidade absoluta entre os municípios do arranjo populacional; e 3) Contiguidade da mancha urbanizada (IBGE, 2016).

Neste trabalho, a área de estudo será denominada como aglomeração urbana de Campina Grande, seguindo procedimento metodológico semelhante ao adotado por Guilherme Cocato (2024), ao caracterizar o aglomerado urbano de Londrina-PR, e os mesmos critérios metodológicos que permitiriam equiparar os arranjos populacionais às aglomerações urbanas (Moura e Pêgo, 2016, p. 35), entendendo que o conceito de aglomeração urbana indica de maneira mais efetiva o fenômeno estudado.

A pesquisa utiliza procedimentos quali-quantitativos, incluindo levantamento e análise de dados do número de estabelecimentos e vínculos da RAIS/TEM e dos Censos Industriais de 1970 e 1980 (IBGE, 1973; 1983), além de dados do IBGE. Foram realizados estudos de campo em municípios do aglomerado urbano entre 2019 e 2025, com ênfase na zona industrial de Campina Grande[4] e no Distrito Industrial de Queimadas (executado em 2022), onde foram conduzidas entrevistas não estruturadas com as direções dos sindicatos de trabalhadores, os operários e os empresários do ramo industrial. Realizamos também registros fotográficos, confeccionamos cadernos de campo e mapeamentos sobre o setor industrial e o espaço urbano da área de estudo, a partir da análise de imagens de satélite e estudo de campo.

Este artigo é composto, além desta introdução, de uma contextualização histórica da formação da aglomeração urbana de Campina Grande e do papel da indústria em seu núcleo, de uma análise do efeito da reestruturação produtiva no núcleo da aglomeração, isto é, em Campina Grande, e uma discussão sobre os efeitos do transbordamento da aglomeração produtiva e da redefinição das condições gerais de produção. Por fim, o texto pontua os desdobramentos da integração da aglomeração urbana no mercado de trabalho e as relações de trabalho nesta concentração urbana.

O Desenvolvimento Industrial em Campina Grande Influenciou na Formação de sua Aglomeração Urbana

A aglomeração urbana de Campina Grande pode ser definida como uma aglomeração com alguns espaços continuamente urbanizados (Lagoa Seca e Queimadas) e com sinais de crescimento da integração de determinados municípios, sendo Campina Grande o núcleo indutor do crescimento urbano (Figura 1). Os critérios utilizados para identificar a existência de um aglomerado urbano consideram os elementos demográficos, econômicos e o nível de integração entre os municípios, permitindo analisar os componentes socioespaciais que definem a natureza dos aglomerados

[4] Nesta área, realizamos o percurso por todos os distritos industriais existentes na zona industrial (Distrito do Ligeiro, Distrito do Acácio Figueiredo, Distrito do Velame e Distrito Industrial), buscando avaliar os vetores de expansão urbana e industrial.

urbanos (Davidovich e Lima, 1975). Os condicionantes históricos desse desenvolvimento serão considerados a seguir.

Campina Grande desenvolveu-se economicamente devido à sua proximidade com os "caminhos de penetração" para o Sertão da Paraíba, tornando-se, no século XIX, um centro de comércio de gado e de produção de algodão. Essa atividade consolidou a cidade como um elo estratégico na rede urbana regional, promovendo a circulação de mercadorias e fortalecendo sua relevância como polo agropecuário e comercial. Entre o final do século XIX e o início do século XX, o crescimento da indústria têxtil nacional impulsionou a produção de algodão e deste ramo no município.

Após a construção da linha ferroviária, a cidade ganhou maior destaque, permitindo o escoamento do algodão para Recife-PE, onde a mercadoria seguia para exportação (Andrade, 1979, p. 82). Tal ferrovia ilustra a função de se criar "condições gerais de produção"[5] (Lencioni, 2007; 2021) no processo de construção da centralidade dessa cidade na rede urbana nordestina. A partir da década de 1960, ainda na fase monopolista do capitalismo brasileiro, a industrialização do município impulsionou sua urbanização e seu crescimento populacional. Trataremos dessa questão mais à frente e importa reter desse processo que a ampliação das relações de capitalistas de produção em Campina Grande elevou o crescimento dos povoados e distritos já existentes no município, culminando na chamada "emancipação" dos municípios que formam a aglomeração urbana de Campina Grande[6].

Nas décadas de 1960 e 1970, Campina Grande passou pela virada urbana, tendo sua população urbana aumentada em 95.751 (133,7% a mais), no bojo da nova urbanização brasileira (SANTOS, 2013). A essa altura, a indústria de transformação adquiriu um estágio de maturidade com a instalação das empresas *Wallig* Nordeste, do ramo metalúrgico (empresa gaúcha que produzia fogões), e a calçadista BESA-Borracha Esponjosa S. A. Indústria e Comércio[7]. Com efeito, Campina Grande se tornou a cidade mais industrializada do interior do Nordeste.

[5] Marx define essas condições como circunstâncias que viabilizam a produção e a circulação de um conjunto de capitais, em consideração às relações sociais de produção (Lencioni, 2007), sendo um capital fixo socializado (Lencioni, 2021). Assim, podemos encontrar dois conjuntos de condições gerais de produção: i) meio de circulação em conexão direta com o processo de produção: Bancos, Redes de circulação material (rodovias, hidrovias, etc.); e ii) meios de consumo coletivos em conexão indireta com o processo de produção (hospitais, escolas, centros de lazer, esportivos) (Lencioni, 2007). Essas condições gerais para Marx não "entram diretamente no processo" de produção, contudo, sem elas, o capital "não pode se realizar, ou o pode apenas de modo incompleto" (Marx, 2011, p. 330).

[6] Em 1953, Puxinanã, que era até então distrito de Campina Grande, é anexado ao município de Pocinhos-PB e, posteriormente, é emancipado. Queimadas irá se emancipar de Campina Grande por volta de 1961. Em 1964, Lagoa Seca também foi elevada à categoria de município. Por sua vez, apenas em 1965, ocorre a emancipação política de Massaranduba.

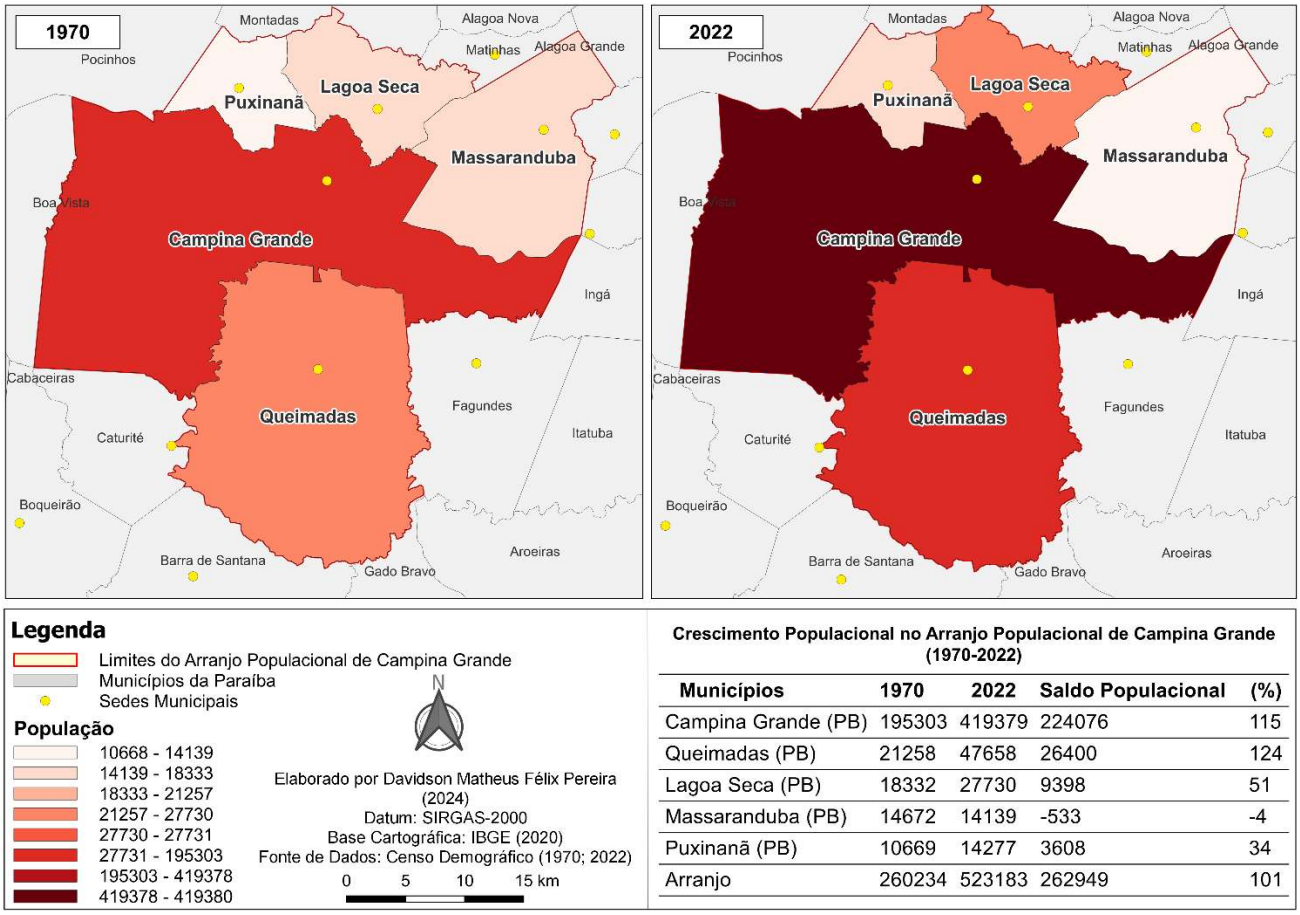
[7] Para um melhor detalhamento sobre o processo de instalação dessas empresas, ver nosso trabalho anterior (Pereira, 2021); além de Alves (2012) e Pereira (2008).

Entretanto, nos anos 1980, com o fim do milagre econômico no Brasil que, segundo Paul Singer, iniciou seu fim em 1973 com o aumento da inflação reprimida e a redução na oferta de produtos industrializados (Singer, 1977, p. 124), a economia brasileira apresentou um revés. Em Campina Grande, os efeitos da estagflação se traduziram no fechamento da *Wallig* Nordeste em 1979, demitindo cerca de 1.500 operários (Pereira 2021, p. 44). Os demais setores na cidade: comércio e serviços, foram também afetados (Pereira, 2008). Não cabe aqui retomar as razões estruturais da crise mundial de 1973, nem seus rebatimentos na economia brasileira, e sim apenas esboçar uma breve síntese dos efeitos da nova dinâmica de acumulação para o setor industrial campinense e seu espaço urbano.

Em concordância com David Harvey (2016, p. 139), consideramos que "O capital se esforça para produzir uma paisagem geográfica favorável à sua própria reprodução e subsequente evolução". Como resposta à crise de acumulação, o sistema capitalista sofreu uma série de ajustes, desde a flexibilização dos mercados financeiros de países centrais, a diminuição das barreiras comerciais e a intensificação das inovações tecnológicas na produção de mercadorias, até uma reorganização geográfica dos investimentos industriais, buscando reduzir sistematicamente os custos operacionais (Chesnais, 1996; Harvey, 1996; Mandel, 1985). Esse conjunto de condicionantes reordenaram as estratégias de acumulação das empresas de calçados e têxteis que se instalaram em Campina Grande nas décadas de 1980 e 1990.

Com isso, as empresas expandiram suas operações em Campina Grande, beneficiando-se da interconexão proporcionada pelas tecnologias da informação, da ampliação dos fluxos geográficos, da redução de custos com mão de obra e dos incentivos fiscais concedidos pelos governos estadual e federal, condicionados à criação de novos postos de trabalho. Esses fatores contribuíram para a expansão do espaço urbano, acompanhada pelo crescimento populacional da aglomeração, que passou de 260.218 habitantes em 1970 para 523.183 em 2022, um aumento de 101%, conforme a Figura 2.

Figura 2 – Crescimento populacional na Aglomeração Urbana de Campina Grande (1970-2022)



Crescimento Populacional no Arranjo Populacional de Campina Grande (1970-2022)

Municípios	1970	2022	Saldo Populacional	(%)
Campina Grande (PB)	195303	419379	224076	115
Queimadas (PB)	21258	47658	26400	124
Lagoa Seca (PB)	18332	27730	9398	51
Massaranduba (PB)	14672	14139	-533	-4
Puxinanã (PB)	10669	14277	3608	34
Arranjo	260234	523183	262949	101

Fonte: Elaborado pelos autores (2024) a partir de dados dos Censos Demográficos (IBGE, 1973; 2022).

Esse crescimento foi heterogêneo do ponto de vista dos municípios que compõem a aglomeração urbana. Os únicos municípios que apresentaram uma mancha contígua em relação a Campina Grande foram os municípios de Lagoa Seca e Queimadas. Entre o período de 1970 e 2022, Lagoa Seca e Puxinanã tiveram os menores ganhos em termos relativos e absolutos, com um saldo populacional de 9.398 (51%) e 3.608 (34%) respectivamente; já a população de Massaranduba diminuiu -533 (-4%). Em termos absolutos, Campina Grande apontou o maior crescimento, passando de 195.303 para 419.379 (115%). Entretanto, o município que obteve o maior crescimento populacional perante o total dos municípios foi Queimadas, passando de 21.258 habitantes, em 1970, para 47.658, em 2022 (124%).

O aumento da força de trabalho no setor industrial e a diversificação econômica da aglomeração urbana permitiram um crescimento constante da população e de sua mancha urbana ao longo dos anos. Conforme o Censo do IBGE de 2010,[8] a aglomeração urbana de Campina Grande possuía uma

[8] Optamos por utilizar neste momento os dados do Censo Demográfico de 2010, já que os dados de situação de domicílio do de 2022 ainda não foram disponibilizados.

população de 477.987 habitantes, sendo que, destes, 88,6% estavam em situação urbana e 11,4% no espaço rural. O município de Campina Grande concentrava 80,6% de toda a população, isto é, 385.213.

Os dados analisados até o momento suscitam algumas perguntas, como: Por que alguns municípios do arranjo apresentaram perda de população ou um ritmo de crescimento incipiente? Por que Queimadas demonstrou um crescimento populacional mais expressivo? Qual o papel da produção de condições gerais de produção e da reestruturação produtiva do setor industrial nesse processo?

As respostas para esses questionamentos fogem dos limites desta pesquisa, entretanto, é necessário apontarmos algumas pistas que se referem à relação entre a reestruturação produtiva e a urbanização na região de Campina Grande. Para tanto, a seguir, investigaremos as mudanças na estrutura produtiva e o processo de formação de um arranjo urbano-regional no município.

A Reestruturação Produtiva reordenou a morfologia urbano-industrial em Campina Grande

Como apontamos inicialmente no tópico anterior, a crise econômica que o município passou entre as décadas de 1970 e 1980 (Maia *et al*., 2013, p. 53) teve relações indiretas com as crises econômicas mundial e nacional. Logo, a recuperação do setor industrial ocorreu apenas ao final da década de 1980. Todas as condições já citadas anteriormente, alinhadas a uma mudança na estrutura produtiva nacional e à reestruturação da indústria manufatureira brasileira (Pereira Júnior, 2015), resultaram na alocação de plantas produtivas do setor de calçados e têxtil na cidade de Campina Grande (Pereira, 2021).

A essa altura, nota-se a prevalência do setor de calçados na cidade, além de uma certa redefinição na divisão territorial do trabalho e na mobilidade do capital produtivo, tornando as relações de produção ali estabelecidas mais intensivas em força de trabalho.

Esse processo é viabilizado pela instalação de plantas industriais de empresas como a da fabricante de calçados femininos Azaleia S. A. e a da Alpargatas S. A., das sandálias Havaianas.[9] Devemos lembrar que ambas as empresas absorveram uma boa parte da força de trabalho excedente na aglomeração urbana campinense, dado o seu porte e o fato de venderem para todo o mercado nacional. A Azaleia, em especial, também foi responsável pela profissionalização científica de uma

[9] O fenômeno de transferência de grandes plantas industriais no setor de calçados para o Nordeste e, em nosso caso, para Campina Grande, deve ser tomado como um fenômeno particular no conjunto de transformações do aparato industrial nacional. Isso porque, em geral, a capacidade de efetivar uma reestruturação produtiva e territorial, nesse segmento produtivo, restringiu-se, em geral, às grandes empresas (Pereira Júnior, 2015, p. 161).

parte importante de ex-trabalhadores do calçado de couro que abriu seu próprio negócio no fim da década de 1990.

Nesse momento, também houve a expansão do número de estabelecimentos no município, sendo que, entre 1990 e 2000, foram abertas 234 novas unidades de produção, um aumento de 62,4% em apenas dez anos (Tabela 1). Os subsetores que apresentaram o maior crescimento de estabelecimentos em relação ao setor foram: a indústria têxtil e a de vestuário (28,4%); a de alimentos e bebidas (25,3%); a Química (14,4%); e a de calçados (8,7%).

Tabela 1 – Número de Unidades Industriais em Campina Grande-PB (1970-2020)

Nível Geográfico	Ano					
	1970	1980	1990	2000	2010	2020
Campina Grande	294	391	375	609	789	796
Paraíba	2552	3526	1256	2392	3193	3751

Fonte: Dados dos Censos Industriais do IBGE (1973; 1983); e da RAIS/MTE para os anos 1990-2020.
Elaboração dos Autores.

Ao longo desse processo de reestruturação produtiva, grandes empresas do ramo têxtil, como a Coteminas S. A., instalada em 1997, reestruturaram o espaço industrial da aglomeração urbana, tendo em vista que sua chegada significou a criação de outro distrito industrial em Campina Grande, o Distrito do Velame.[10] Além disso, as empresas pré-existentes expandiram suas produções e ampliaram seu espaço fabril.

A atração de novas plantas industriais de grande porte contribuiu para a elevação contínua, embora desacelerada, dos níveis de ocupação no setor industrial entre 1980 e 2000. Contudo, o auge da evolução do emprego formal no setor se deu entre 2000 e 2010, quando o número de postos de trabalho formais passou de 11.161 para 19.784 (77,2%), isto é, a maior variação positiva na série de 1960 a 2020 (Tabela 2).

Tabela 2 – Evolução do Pessoal Ocupado na Indústria em Campina Grande-PB entre 1907-2020

	Ano						
	1960	1970	1980	1990	2000	2010	2020
Nº de trabalhadores ligados à indústria	2.974	4.446	7.824	9.518	11.161	19.784	19.421
(%) Década a Década	***	49,5	76	21,6	17,3	77,2	-1,8

Fonte: Elaboração dos autores (2025). Dados do IPEA (Ano de 1907) Censos industriais, vários anos (1960-1980); RAIS/MTE (1990-2020).

[10] Tal criação acompanhou a indústria de minerais não metálicos: Fuji S. A., instalada em 1991. A partir da criação do Distrito do Velame, houve uma modificação do padrão de uso e ocupação do solo industrial na cidade, ou seja, houve um deslocamento do Centro da cidade e sua Zona Leste, local historicamente destinado à área industrial, para a direção Sudoeste.

É importante ressaltar que, no ano de 2010, com o chamado *boom* das *commodities*, houve o aquecimento do mercado interno brasileiro. Naquele período, o país desempenhava o maior crescimento econômico após a década de 1990, com seu PIB tendo crescido 7,5%. Em Campina Grande, a indústria calçadista aproveitou o aumento da demanda no mercado interno e a indústria têxtil (Coteminas S. A.) ampliou o número de empregos em função da demanda por fios de algodão da sua principal compradora, a China, que vinha apresentando as maiores taxas de crescimento de sua história.

Entre 2010 e 2020, as condições macroeconômicas no plano nacional e internacional, menos vantajosas para o desenvolvimento industrial, e o avanço das políticas de austeridade pautadas pelos governos neoliberais de Michel Temer (PMDB) e Jair Bolsonaro (PL) reduziram os níveis de investimento na indústria, o que refletiu de forma mediada no setor industrial campinense, que perdeu 1,8% dos postos de trabalho no período.

A despeito da acentuação da crise econômica mundial, atualmente, conforme o sistema de contas nacionais do IBGE, o setor industrial campinense é responsável por gerar 22,14% do PIB do município, que representam R$2 Bilhões. Uma análise da estrutura dos investimentos industriais demonstra que estes capitais se aproveitam dos baixos custos com força de trabalho e dos incentivos fiscais e financeiros obtidos por atuarem em um município do interior do semiárido nordestino, isto é, em uma área de atuação prioritária da SUDENE – Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste. Há, portanto, uma tendência para a atração de empresas intensivas em fator trabalho, sendo comum a existência de relações de super exploração e de práticas antissindicais[11].

Essas grandes empresas instaladas reproduzem novas economias externas e de aglomeração que são aproveitadas pelo capital de origem local. Entretanto, embora haja grande verticalização, baixa mobilização de fornecedores locais e relações entre firmas, os nexos produtivos transbordam o espaço interno das grandes empresas, atraindo competidoras diretas para a mesma cidade. Esse foi o caso do ramo calçadista na cidade, antes monopolizado espacialmente pela Alpargatas S. A., instalada em 1985, que passou a dividir as condições gerais de produção locais com a calçadista TESS Comércio e Indústria,[12] que se estabeleceu em Campina Grande em 2009, enxergando a

[11] Em entrevista com trabalhadores do setor metalúrgico, fomos informados de que algumas empresas do ramo demitem trabalhadores que buscam se sindicalizar.

[12] A Alpargatas, com sede em São Paulo, produz na unidade de Campina Grande as sandálias da marca Havaianas; a TESS, com sede no Rio de Janeiro, é fabricante da sandália da marca Kenner.

escalada da Alpargatas em termos de produtividade e lucratividade no período e sua presença monopolista no mercado consumidor nordestino.

A partir desse contexto, pode-se afirmar que o espaço produtivo tem sido reproduzido em um padrão cada vez mais ligado ao grande capital. As empresas, movidas pelas leis de acumulação capitalista, buscam passar da reprodução simples do capital para a reprodução ampliada (MARX, 2011) e uma das condições para tal é alcançar o mercado externo. Nesse sentido, aqui, a Alpargatas S. A. se destaca e, nos últimos anos, apesar de em menor grau, a Coteminas S. A. também[13].

Antes de analisarmos, os dados da evolução dos postos de trabalho da indústria de calçados em Campina Grande, cabe um adendo: a reprodução do capital em escala ampliada decorre da capacidade que o capitalista individual possui em aplicar parte do mais-valor para "aumentar a força produtiva do trabalho empregado" ou "explorá-lo de modo intensivo" ou, ainda, com um "gasto adicional em capital circulante", por intermédio do investimento do mais-valor acumulado ao longo de vários anos (Marx, 2014, p. 416-417).

De acordo com os dados da RAIS – Relação Anual de Informações Sociais –, em 2020, a indústria de calçados empregava cerca de 11.009 trabalhadores formais,[14] isto é, 56,6% de todos os trabalhadores formais (total de 18.243). A maior parcela desses trabalhadores, cerca de 70% (7.655 em números absolutos) recebe apenas entre um e dois salários-mínimos. A Alpargatas empregava, em 2022, cerca de oito mil trabalhadores e, durante a pandemia, atendeu a uma alta na demanda no mercado externo. A TESS apenas vende para o mercado nacional e emprega, no município, cerca de 2.000 trabalhadores, mas possui intensa atuação no mercado nacional (Pereira, 2021, p. 21).

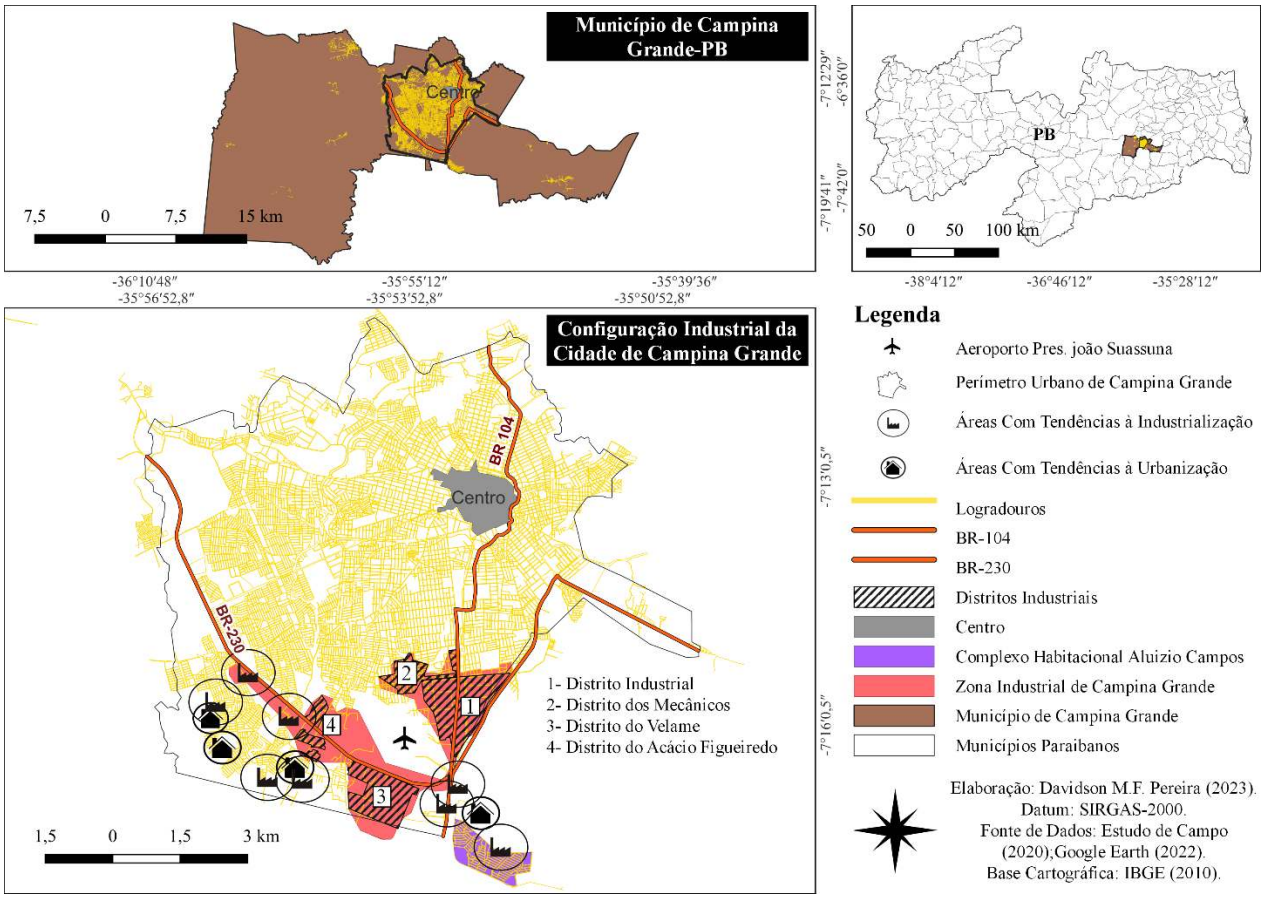
Estas empresas se concentram na zona industrial de Campina Grande, um local heterogêneo e que congrega empresas de diferentes ramos e capacidades produtivas. A principal aglomeração produtiva está situada na Zona Sul, destacando-se o Distrito Industrial (até 1990, o único Distrito Industrial da cidade). Notamos, nessa zona, a presença de grandes plantas produtivas na extensão do entroncamento das BRs 104 e 230, onde se localiza o Distrito Industrial do Velame, criado após a instalação da Coteminas S. A., como já demonstramos. Ainda pudemos constatar a expansão

[13] A Coteminas S. A., produtora de fio de algodão, com sede em São Paulo, empregava em 2019 cerca de 2000 trabalhadores em Campina Grande. A empresa, nos últimos tempos, tem diminuído os turnos de trabalho e desativado algumas fábricas e setores de produção como foi feito com o de tecelagem em 2019. Em 2023, a mídia local noticiou atrasos no pagamento de salários e no cumprimento de obrigações trabalhistas. Em João Pessoa (PB), ocorreram protestos de trabalhadores, organizados pelo Sindicato dos Trabalhadores Têxteis da Paraíba e pela Central Única dos Trabalhadores. Posteriormente, em 8 de maio de 2024, a Coteminas S.A. entrou em recuperação judicial, com o encerramento de várias operações em Campina Grande. Nesse mesmo ano, o município registrava cerca de 150 trabalhadores formalmente vinculados ao segmento de preparação e fiação de fibras de algodão, número que estimamos corresponder ao quadro atual da filial da empresa em Campina Grande.

[14] Aqui não se contabiliza os informais ou terceirizados que podem constar como trabalhadores do setor de serviços.

difusa de unidades fabris e industriais no eixo urbano da BR-230, dirigindo-se da porção Sul da zona industrial para a Sudoeste (Figura 3).

Figura 3 –Tendências espaciais do desenvolvimento industrial e imobiliário em Campina Grande-PB (2024)



Fonte: Google Earth (2022) e Estudo de Campo (2022; 2024). Elaboração dos Autores (2023).

O entroncamento das BRs 104 e 230 é central do ponto de vista logístico na estrutura industrial da cidade, sendo um importante corredor de escoamento de cargas. Este ponto nodal oferece acesso pela BR-230 à capital João Pessoa, a cidades do Sertão da Paraíba e à capital pernambucana, Recife-PE. Também conecta, via BR-104, as capitais de Maceió-AL e Natal-RN ao centro regional de Caruaru-PE e a outras cidades do Agreste nordestino. Nesse entroncamento, está sendo construído um viaduto, que dará acesso ao município de Queimadas e à Zona Leste da cidade, como parte das obras de duplicação da BR-230, iniciada em 2023, pelo governo federal, com o custo inicial de R$24,9 milhões (Figura 4a).

Figura 4 - a) Trecho das obras de Duplicação da BR-230; b) Vista do BR-Polo *Shopping* e Conjunto Habitacional Aluízio Campos ao fundo; c) Vista da entrada Norte do Complexo Habitacional Aluízio Campos



Fonte: Registro Fotográfico realizado por Davidson Matheus Félix Pereira em 07/03/2025.

Essa nova infraestrutura, junto à duplicação da principal rodovia que corta a cidade, irá reduzir o tempo de transporte dos veículos de carga, facilitando o fluxo na zona industrial da cidade. Vizinho ao viaduto, está em construção o BR Polo *Shopping* (Figura 4b), empreendimento privado, com 1.700 lojas, localizado no bairro Aluízio Campos e que foi inaugurado em abril de 2025. O interesse dos agentes é criar um polo de modas, aproveitando a ligação da BR-104 com Santa Cruz-PE, Toritama-PE e Caruaru-PE.

O empreendimento se localiza no complexo habitacional-comercial e logístico Aluízio Campos (Figura 4c), compreendendo um conjunto habitacional de mais de 4.100 unidades, inaugurado em 2019, e uma área voltada à instalação de indústrias e empresas de logística. Em 2024, foi anunciado um protocolo de intenções para a instalação de uma empresa do ramo de semicondutores, a Si&Mex *Solutions* GmbH,[15] prevista para o ano de 2026, e de uma fábrica de motos elétricas até 2027. Com a efetivação desses e outros investimentos, Campina Grande terá um novo Distrito Industrial, com acesso privilegiado aos trabalhadores do conjunto habitacional.

[15] PARAÍBA ONLINE. **Indústria que fabrica semicondutores vai se instalar em Campina Grande**. Redação com Codecom/CG, Publicado em 29 de junho de 2024. Disponível em: https://paraibaonline.com.br/economia/2024/06/29/industria-que-fabrica-semicondutores-vai-se-instalar-em-campina-grande/

Na Zona Sul, a BR-104 é o principal vetor de concentração industrial, para onde converge o maior fluxo de trabalhadores, mercadorias e capital fixo (espaços fabris, maquinário etc.). Além de grandes empresas como a Alpargatas e a TESS, também estão localizadas uma indústria de fechaduras, a *Assa Abloy* Brasil Indústria e Comércio Ltda,[16] várias médias e pequenas indústrias de vários ramos e um condomínio industrial com cerca de dez fábricas que produz mangueiras de PVC, artigos de borracha, movelaria entre outros.

Entre o Distrito do Velame e o Distrito do Acácio Figueiredo, estão situadas pequenas e médias empresas do ramo de vidro, fábricas de plásticos (garrafões de água mineral) e de alimentos (Biscoitos Vitaflor). Já no Distrito do Acácio Figueiredo, encontramos uma unidade produtiva da empresa do ramo químico, a Tintas Lux LTDA, fabricante de tintas, e uma empresa que distribui eletricidade para a cidade, a Energisa S. A. Nessa área periférica, coexistem as fábricas e as indústrias com moradias de trabalhadores desempregados, informais e empobrecidos, dividindo o espaço próximo a conjuntos habitacionais (como o próprio Acácio Figueiredo e o Raimundo Suassuna).

A Expansão da Zona Industrial de Campina Grande vem intensificando a Integração e a Urbanização da Aglomeração Urbana

Apresentamos, nos itens anteriores, que o setor de transformação tem provocado uma redefinição no padrão de produção do espaço e da própria economia campinense, empregando uma considerável força de trabalho na cidade e aumentando o consumo produtivo das indústrias. Uma das sínteses desse processo é, sem dúvida, a própria urbanização da cidade que, articulada ao desenvolvimento industrial, resulta em uma configuração espacial particular, caracterizada, dentre outras coisas, por uma urbanização que crescentemente vem extrapolando os limites do município e alcançando seus municípios limítrofes.

Como destaca Rosa Moura (2009, p. 16), os efeitos de proximidade remetem “ao reforço e à expansão das aglomerações e a uma valorização do solo, a partir de investimentos urbanos que criam um espaço ao mesmo tempo diverso e desigual, concentrador e excludente”.

Assim, verificamos que o preço da terra no núcleo do espaço industrial é o mais alto em relação às demais áreas destinadas à localização da indústria. No ano de 2016, o preço médio do metro quadrado nesse bairro era de R$272,00, enquanto nos demais, com presença significativa de atividades produtivas, a média variava de R$217,00 a R$161,50 (Tabela 3). O alto preço da terra na zona industrial é um dos fatores que impedem a expansão da pequena indústria nas áreas mais

[16] A unidade produtiva foi fundada por capital local em 1964 em Campina Grande, sob o nome de Silvana. Em 2014, foi comprada pela multinacional Sueco-Finlandesa *Assa Abloy* e, atualmente, conta com cerca de 400 operários.

valorizadas, conduzindo, dessa forma, as pequenas empresas para os bairros residenciais de trabalhadores de baixa renda.

Tabela 3 – Preço da Terra Urbana nos Bairros da Zona industrial de Campina Grande (PB) em 2016

Bairro	Preço Unitário (R$/m²)		
	Mínimo	Máximo	Média
Distrito Industrial	244,00	300,00	272,00
Velame	190,00	244,00	217,00
Três Irmãs	190,00	223,00	206,50
Novo Bodocongó	190,00	209,00	199,50
Bodocongó	190,00	209,00	199,50
Acácio Figueiredo	190,00	209,00	199,50
Catingueira	133,00	209,00	171,00
Das Cidades	133,00	209,00	171,00
Ligeiro	133,00	190,00	161,50
Média da cidade	**256,0**	**295,00**	**277,00**

Fonte: Elaborado pelos autores (2024) de acordo com o Anexo IV da lei Complementar Nº 116, de dezembro de 2016 (PMCG, 2016).

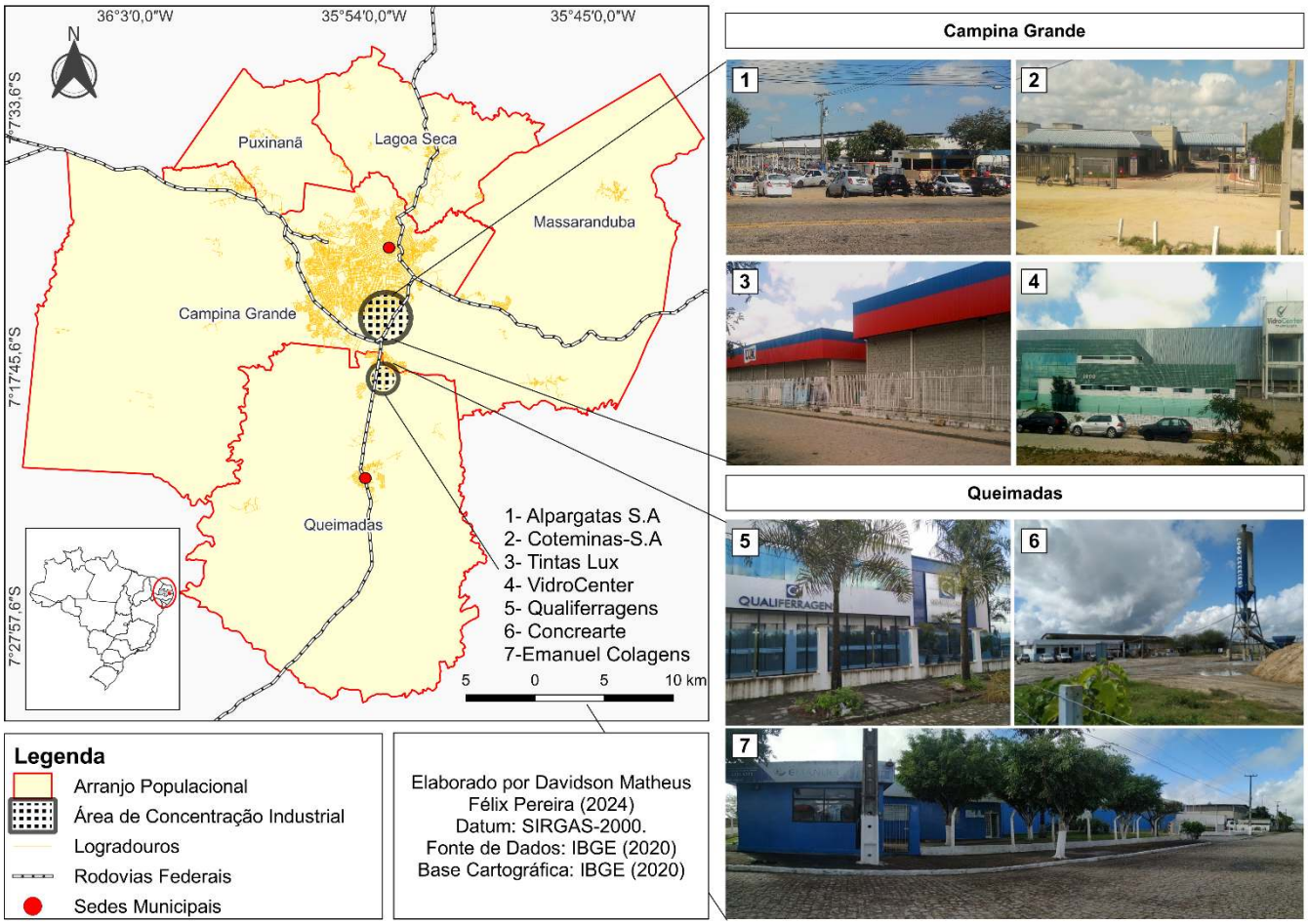
Fatores como a concentração de grandes empresas, a presença do SENAI CIT (Centro de Inovação e Tecnologia Industrial) e o SESI Distrito Industrial – Centro de Atividades João Rique Ferreira (CAT JRF) contribuem para manter o crescimento do preço da terra urbana no Distrito Industrial. O fato deste bairro favorecer o ingresso de mão de obra de municípios vizinhos e o acesso aos eixos de escoamento e ao Centro da cidade cria condições gerais de produção especiais em relação ao conjunto da cidade. Enquanto isso, o Ligeiro, na porção mais Sul da cidade, onde o preço da terra é o mais baixo para a localização industrial, vêm incorporando firmas que possuem uma baixa composição orgânica do capital e se ligam mais à demanda local.

O Distrito Industrial do Velame, por sua vez, aparece como parte do processo de industrialização mais geral que ocorre na cidade. Como dissemos, ele é o espaço que inicia e conecta a industrialização da Zona Sul à porção Sudoeste da cidade. Afinal, alguns fixos espaciais – o Aeroporto de Campina Grande "João Suassuna" e as empresas de utilidade pública como a CHESF (Companhia Hidrelétrica do São Francisco); e a própria zona residencial, para ressaltar alguns – impediam e ainda impedem a expansão industrial do núcleo industrial principal, no bairro Distrito Industrial.

Em Campina Grande, essa dinâmica se apresentou na forma de expansão do tecido industrial e urbano, na medida em que grandes empresas do Sudeste deslocaram plantas industriais para o município, buscando ampliar suas taxas de lucro. Com isso, um amplo contingente de força de trabalho, que passou a consumir terrenos, moradia, automóveis, transporte público, escola, saúde entre outros, foi demandado.

O encarecimento do preço da terra em Campina Grande pressionou o setor industrial a se direcionar para outros bairros da cidade, que não possuíam esse tipo de atividade antes.[17] Além dessa expansão interna, o desenvolvimento industrial se estendeu aos municípios do seu entorno, tendo como contribuição a política de descentralização no estado da Paraíba, pautada no aumento dos subsídios a municípios de baixo índice de industrialização, sob a lei nº 6.000, de 23 de dezembro de 1994. Esses fatores cumulativos e articulados fizeram com que fossem atraídos investimentos para fora dos limites da zona industrial de Campina Grande, fazendo com que os capitais, antes interessados nessa zona, buscassem se alocar em outros municípios da aglomeração urbana, principalmente em Queimadas-PB, que criou seu próprio Distrito Industrial no final dos anos 1980 (Figura 5).

Figura 5 – Mapa das Aglomerações Industriais no Arranjo Populacional de Campina Grande (2022)



Fonte: Elaborado pelos autores (2024), base de dados: estudos de campo (2021; 2022; 2024) registro fotográfico realizado por: Davidson Matheus Félix Pereira entre 2020 (1;2;3;4) e 2022 (5;6;7).

[17] Processo semelhante ocorreu na aglomeração urbana de Juazeiro do Norte-CE, onde o polo calçadista se expandiu para o Crato-CE e para Barbalha-CE (Queiroz, 2013, p. 116).

Esta dinâmica de encarecimento e especialização do uso do solo influenciou a integração da aglomeração urbana de Campina Grande. Segundo Davidovich e Lima (1975), as aglomerações urbanas resultam da expansão de uma cidade central que, por sua vez, produz uma estrutura espacial característica com uma alta especialização do uso da terra urbana. Pudemos verificar este fenômeno de suburbanização de Campina Grande em direção a Queimadas, Lagoa Seca e Massaranduba; e de extensão da especialização do solo urbano na direção de Queimadas.

De acordo com entrevistas realizadas com empresários do setor, no Distrito Industrial de Queimadas, a doação de terrenos no começo da década de 1990 em diante, por parte da Prefeitura Municipal de Queimadas, foi fundamental para a desconcentração industrial no arranjo urbano-regional de Campina Grande. Essa ação permitiu a abertura de empresas familiares que não possuíam recursos para se alocarem em Campina Grande e, particularmente, para as pequenas indústrias de mineração de materiais não metálicos. Desse modo, em 1990, existiam 142 pessoas ocupadas em nove empresas na indústria de transformação de Queimadas; já em 2022, estavam empregados 1.005 trabalhadores (607% a mais) em 60 empresas (566% a mais). É importante destacar que essa nova divisão territorial do trabalho estava articulada à dinâmica produtiva da zona industrial, como veremos no próximo tópico.

Desde a década de 1980, a porção Norte de Queimadas se suburbanizou em função da oferta de trabalho em Campina Grande, atraindo uma massa de trabalhadores da zona rural deste e de outros municípios. Os estudos clássicos demonstram as aglomerações urbanas, caracterizadas pela suburbanização de municípios contíguos e apresentam como traço recorrente a "formação de núcleos dormitórios e núcleos industriais" que produzem e refletem um certo distanciamento entre local de residência e local de trabalho (Davidovich e Lima, 1975, p. 51).

Esse distanciamento entre trabalho e residência na aglomeração urbana de Campina Grande também ocorreu entre os próprios trabalhadores residentes no município que, pressionados pelo custo dos aluguéis e a negação do direito à moradia, tiveram que buscar habitação a custos mais baixos na periferia do município queimadense, sendo este um dos elementos que contribuíram para a fundação do distrito de Queimadas, o Ligeiro[18].

Sob esse ponto de vista, além da expansão do espaço produtivo no Norte de Queimadas, também houve um processo de expansão urbana ligada à demanda por força de trabalho, constituindo elos de articulação dos "fluxos e fixos" (Santos, 1996) entre os dois municípios. Portanto, encontram-se

[18] Não devemos confundir o Distrito de Queimadas com o loteamento industrial e urbano localizado na Zona Sul de Campina Grande, que possui o mesmo nome.

instaladas no Distrito Industrial de Queimadas empresas de micro, pequeno e médio porte,[19] e indústrias de extração, de beneficiamento de minerais não metálicos, de fabricação de estruturas metálicas, de alimentos, de construção civil, de vidro, de embalagens plásticas dentre outras.

A Integração da Aglomeração Urbana Dialeticamente Opera uma Fragmentação Urbana nos Municípios e Intensifica os Deslocamentos Pendulares

Nas seções anteriores, discutimos as formas pelas quais se deu a reprodução ampliada do capital industrial na aglomeração urbana de Campina Grande. A seguir, examinaremos como a integração dos municípios ao capital industrial de Campina Grande implicou e implica a produção desigual do espaço urbano no interior desses municípios.

A integração entre as localidades que compõem uma aglomeração urbana está determinada pelos "deslocamentos pendulares", caracterizados pelo deslocamento da população do município de residência e outros municípios, com finalidade específica (Moura *et al.*, 2005). Uma paisagem que exemplifica a dinâmica industrial campinense pode ser visualizada nas proximidades da Alpargatas S. A., ou da TESS, onde se percebe o deslocamento pendular de trabalhadores dos municípios vizinhos, como Queimadas, Lagoa Seca e Massaranduba. Além dessas localidades, também identificamos trabalhadores oriundos de municípios fora da aglomeração, como Alagoa Nova-PB, Boqueirão-PB, Barra de Santana-PB e Fagundes-PB.

Alguns trabalhadores utilizam ônibus fretado no transporte até as empresas, tendo esses custos descontados de seus salários; outros viajam em motocicletas ou transporte alternativo, assumindo também a responsabilidade pelos custos de deslocamento. Podemos dizer que esta relação entre capital e trabalho se conformou a partir da existência de um excedente de força de trabalho nesses locais, sendo condição para o aumento significativo no emprego industrial nos setores pesquisados.

Aqui já podemos desenvolver melhor a hipótese de que a integração da aglomeração urbana de Campina Grande possui conexão direta com a expansão e a transformação do setor industrial de Campina Grande e Queimadas, já destacado de modo preliminar.

Nesse contexto, a Alpargatas S. A., como a principal empresa industrial na aglomeração urbana, acaba aglutinando uma série de outras firmas produtivas (Pereira, 2023). Deve-se destacar que essa empresa já instalou, ao longo das décadas, plantas produtivas menores em municípios da aglomeração urbana, como foi o caso de Massaranduba e de uma planta próxima à Puxinanã (no

[19] De acordo com o IBGE, considera-se microempresa aquela com até 19 empregados; pequena empresa de 20 a 99 empregados; média empresa de 100 a 499 empregados; e grande empresa acima de 500 empregados.

município de Pocinhos/PB). Tais fatores demonstram que a grande indústria em Campina Grande mobilizou, em função de suas atividades, o crescimento econômico da aglomeração urbana como um todo.

A Alpargatas, que aqui é tomada como uma referência particular para a nossa análise mais geral, orquestra em sua cadeia produtiva uma série de outros ramos e outras atividades, todos localizados na aglomeração urbana, e uma mão de obra externa ao local da fábrica: produção e manutenção de unidades fabris e de centros de distribuição; indústrias de embalagens plásticas, de colas, de alguns pigmentos, de logística e de transporte; empresas que fazem a manutenção da estrutura fabril e do maquinário; e empresas ligadas à manutenção da produtividade dos trabalhadores (alimentícias, de transporte dos trabalhadores, operadoras de planos de saúde etc.).

Em síntese, a produção de calçados em Campina Grande se articula ao mercado de trabalho do restante da aglomeração de formas diferentes. A mão de obra mais qualificada para determinados processos de trabalho, por exemplo, em geral, está presente em Campina Grande, dado a existência das universidades públicas e privadas (Pereira, 2021), por outro lado, processos produtivos que requerem uma força de trabalho em condições de ser subordinada aos trabalhos intensos, exaustivos e flexibilizados presentes no local da produção, usualmente, utilizam trabalhadores dos municípios vizinhos ao centro da aglomeração urbana.

Outros determinantes levam a que certas frações da classe trabalhadora presente em Campina Grande estejam menos propensas (ou sejam até incapazes dada sua condição físico-motora e subjetiva atrelada ao seu modo de vida mais urbano) de se submeterem a certos processos de trabalho, que exigem uma certa força física e psicológica para suportá-los.[20]

Há, nesse ponto, uma clara diferenciação do mercado de trabalho da aglomeração já que, em parte, os operários considerados mais qualificados do ponto de vista da educação formal estariam em Campina Grande e em menor grau na cidade de Queimadas, enquanto aqueles operários considerados menos instruídos formalmente e com menores salários estariam localizados em áreas periféricas das cidades, nas zonas rurais dos municípios da aglomeração urbana ou recém-chegados de sítios rurais.

[20] Todo trabalho na indústria manufatureira capitalista é intensivo e exaustivo por definição. Contudo, a divisão detalhada do trabalho na indústria de calçados (sobretudo de calçados de borracha) envolve funções que podem ser fisicamente mais extenuantes que outras. Por exemplo, os trabalhadores das máquinas de prensa de vulcanização de borracha precisam exercer muita força mecânica sobre a máquina, sob temperaturas altas, por isso, dificilmente suportam mais que dois anos na função, enquanto aqueles responsáveis por misturarem as cores das tintas, ou embaladores, podem desempenhar suas funções, frequentemente, por mais que dois anos.

Além disso, outras mudanças importantes ocorreram após 2010, com a chegada de empresas de telemarketing, como a A&C, com sede em Belo Horizonte, e a Orbital Atendimento Ltda, com sede em São Paulo. Somando, as duas empresas empregaram, em 2023, cerca de 10.000 trabalhadores em Campina Grande. Com efeito, uma parte considerável de trabalhadores residentes em Campina Grande que estariam dispostos a trabalharem na indústria optaram por trabalharem nesse tipo de serviço, em função do menor desgaste físico ou por razões culturais, como o apelo social negativo que o trabalho fabril possui.

A partir desses movimentos recentes, é possível que as indústrias em Campina Grande tenham passado a empregar mais força de trabalho em outros municípios da aglomeração urbana. Essa última afirmativa pode encontrar substância nos dados sobre o local de exercício do trabalho nos municípios da aglomeração urbana de Campina Grande, nos quais podemos notar que do pessoal empregado no setor de transformação (excetuando a própria Campina grande), 2.750 (10,1%) trabalham fora do seu município de residência (Tabela 4).

Tabela 4 - Pessoas ocupadas por local de exercício do trabalho principal total e na indústria de Transformação

Município	Atividade do trabalho principal	Total	Município de residência	Outro município
Campina Grande (PB)	Total	159942	151293	6632
	Indústria de transformação	19689	19151	409
Lagoa Seca (PB)	Total	11518	8295	3129
	Indústria de transformação	390	166	224
Massaranduba (PB)	Total	4681	3353	1302
	Indústria de transformação	300	108	188
Puxinanã (PB)	Total	6003	4417	1539
	Indústria de transformação	322	105	218
Queimadas (PB)	Total	16311	11335	4871
	Indústria de transformação	2370	639	1711

Fonte**:** Dados — Censo Demográfico (IBGE, 2010). Elaboração dos Autores.

Nos municípios de população de menor expressão na aglomeração urbana de Campina Grande (Lagoa Seca, Massaranduba, Puxinanã), verificamos que a soma de trabalhadores na indústria de transformação, empregados fora do município, é da ordem de 630. Isso denota que, em Lagoa Seca, Massaranduba e Puxinanã, dos trabalhadores ocupados no setor industrial, 57%, 62,2% e 67,7%, respectivamente, não trabalham em seus municípios de residência.

Queimadas, por sua vez, o município mais interligado à dinâmica urbana de Campina Grande, é também o segundo município com maior número de operários na indústria, com 2.370 trabalhadores ligados à produção industrial. Desse total, apenas 639 pessoas trabalham em

indústrias instaladas no próprio local (27,8%), enquanto que 1.711 trabalham em unidades produtivas de outros municípios. Isso significa que Queimadas possui o índice de ocupação em indústrias de outros municípios equivalente a 72,2%, ou seja, o maior da aglomeração urbana.

Por outro lado, em Campina Grande, ocorre o inverso: do total de 19.689 trabalhadores residentes no município, ligados à indústria, somente 409 trabalham em unidades produtivas de outro município, isto é, apenas cerca de 2% desse subtotal, portanto, o menor índice do conjunto. Essa dinâmica nos dá alguns subsídios para afirmarmos que a urbanização da porção Norte de Queimadas e seu aumento populacional ao longo dos anos possuem forte relação com a polarização gerada pela indústria em Campina Grande a qual, contraditoriamente, vem, de maneira progressiva, espraiando-se pelo território da aglomeração urbana.

Os problemas desse espraiamento são de múltiplas ordens, incluindo a especulação imobiliária e o aumento das desigualdades socioespaciais. Para o município de Queimadas, o aumento da população em suas bordas representa o encarecimento dos custos com a coleta seletiva, com a extensão da infraestrutura de iluminação e uma fragmentação urbana de seu território.

Para os trabalhadores dos municípios do aglomerado que atuam na indústria campinense, isso implica assumir diversos custos com transporte, os quais, muitas vezes, não podem ser atendidos pelo Estado local devido à inexistência de um serviço de transporte público intermunicipal. Essa situação reflete um problema mais amplo, relacionado ao planejamento das aglomerações urbanas no Brasil. Como aponta Arlete Rodrigues (2004, p. 19), a legislação urbana brasileira possui um caráter parcialmente municipalista, o que pode resultar em uma fragmentação do planejamento econômico. Ainda segundo a autora, quando o planejamento de uma atividade econômica visa a "interesses específicos" (Rodrigues, 2004, p. 17), ele se torna fragmentado e acaba por impedir a participação social na solução democrática e compactuada entre os municípios.

Conclusões

Neste artigo, argumentamos que o processo de reestruturação produtiva dos ramos intensivos em mão de obra a nível nacional gerou uma dispersão de plantas produtivas e o aumento da produtividade- em unidades produtivas de cidades nordestinas como Campina Grande, sendo que três das principais indústrias da cidade tem sede no Sudeste.

Demonstramos que tais empresas permitiram o aumento do emprego da força de trabalho no setor industrial campinense, valendo-se tanto do excedente de trabalhadores advindos do centro da aglomeração urbana, quanto dos municípios de sua periferia. Dialeticamente, a expansão industrial

em Campina Grande tanto intensificou a especialização do uso da terra urbana voltada a indústria, como elevou o consumo do espaço urbano em geral, em função do incremento na massa salarial gerada na aglomeração urbana do município.

Essa dinâmica contribuiu para a suburbanização de Campina Grande na direção de Queimadas e a expansão do tecido industrial campinense para a mesma direção. Esse aspecto, ao que tudo indica, teve relação com o acesso privilegiado desse município à zona industrial de Campina Grande e com o grande excedente de força de trabalho rural.

Tentamos comprovar, assim, a existência e a contiguidade entre o tecido industrial de Campina Grande e Queimadas-PB, ao mesmo tempo em que enfatizamos a existência de duas zonas industriais, sendo a primeira ligada ao Distrito Industrial de Campina Grande e a segunda ao Distrito Industrial de Queimadas. O aprofundamento desses nexos vem se intensificando, com a construção de infraestruturas no entroncamento das BRs 104 e 230, apontando para a criação de um novo vetor de acumulação industrial e logístico no complexo Aluízio Campos.

Portanto, estamos convencidos da existência de uma aglomeração urbana em processo de integração progressiva de seu tecido urbano, sobretudo nas interseções entre Campina Grande, Queimadas e Lagoa Seca. Tal movimento carrega uma série de contradições, como a ausência de um planejamento urbano e estratégico, que considere os deslocamentos pendulares para trabalho e estudo.

Outro ponto a se chamar a atenção diz respeito ao fato de que as novas infraestruturas viárias criadas em Campina Grande, como a alça leste e a duplicação da alça sudoeste, embora permitam uma maior integração geográfica entre os municípios e tenha beneficiado o setor industrial, também vêm se apresentando como um vetor de valorização desigual do espaço e do espraiamento do tecido urbano da aglomeração urbana de Campina Grande.

A pesquisa não esgota a problemática da relação entre indústria e urbanização na aglomeração urbana, haja visto que se faz necessário um aprofundamento sobre a dinâmica industrial nos municípios e os efeitos dos movimentos pendulares ligados às atividades industriais, bem como dos supostos fatores que levariam os trabalhadores a deixarem o campo em busca do emprego na indústria.

Contudo, a pesquisa avança em alguns pontos importantes e oferece alguns subsídios teórico-metodológicos para compreendermos as particularidades da dinâmica industrial dos centros regionais do Nordeste, especialmente ao demonstrarmos que os custos com a reprodução da força

de trabalho na região de trabalho estão ligados ao modelo de urbanização, ao acesso à propriedade da terra e à organização e produção da moradia, sendo que o excedente de força de trabalho existente nessa região permite a redução nos custos da produção e explicam o padrão de localização de determinados ramos industriais no Brasil.

Por consequência, um exame da correlação dos elementos constituintes desse novo fenômeno requer uma abordagem dialética entre a totalidade e a particularidade do desenvolvimento industrial em Campina Grande e o modo como a economia brasileira e a dos municípios estudados vêm sendo inserida na divisão internacional do trabalho. É preciso, para tanto, compreendermos melhor as relações entre classe, Estado e espaço no contexto de aprofundamento da crise estrutural do modo de produção atual.

Agradecimentos

Este trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001, tanto a nível de mestrado, como a de doutorado em andamento. Agradecemos às contribuições dos pareceristas e editores. À professora Arlete Moyses Rodrigues, pela orientação do projeto de mestrado e de doutorado, e pelos debates em suas disciplinas de Geografia e Sociologia Urbana que contribuíram definitivamente para este trabalho. Por fim, aos trabalhadores do setor de calçados, ao Sindicato dos Metalúrgicos de Campina Grande/PB, aos empresários e às demais entidades.

Referências

ALVES, L. **A industrialização incentivada do Nordeste e o caso de Campina Grande, PB** (Dissertação de mestrado). Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Regional, Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2012.

ANDRADE. M. C. de. **O Processo de Ocupação do Espaço Regional do Nordeste**. 2ª ed. Recife: Sudene, 1979. (Série Estudos Regionais, nº 1).

CHESNAIS, François. **A mundialização do capital**. São Paulo: Xamã, 1996.

COCATO, G. P. Aglomeração Urbana De Londrina - Pr: A Formação De Uma Unidade Territorial. **Boletim Paulista De Geografia,** 1 (112), p. 143–167, 2024. https://doi.org/10.61636/bpg.v1i112.3257

DAVIDOVICH, F.; LIMA, O. M. B. Contribuição ao estudo de aglomerações urbanas no Brasil. **Revista Brasileira de Geografia**, v. 37, n. 1, p. 50 - 84, jan./mar, Rio de Janeiro, 1975.

IBGE. **Censo Industrial de 1970. VIII Recenseamento Geral do Brasil, 1970**. Rio de Janeiro, 1973.

IBGE. **Censo Industrial de 1980. Censo Industrial de 1980. Anuário Estatístico do Brasil, 1982**. Rio de Janeiro, 1983.

IBGE. **Censo Demográfico 2010.** Rio de Janeiro: IBGE, 2010.

IBGE-DIRETORIA DE GEOCIÊNCIAS, COORDENAÇÃO DE GEOGRAFIA. **Arranjos populacionais e concentrações urbanas no Brasil** / IBGE, Diretoria de Geociências - Coordenação de Geografia. 2.ed. Rio de Janeiro: IBGE, 2016. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv99700.pdf.

IBGE. **Regiões de Influência das Cidades 2018**. Diretoria de Geociências - Coordenação de Geografia, Rio de Janeiro: IBGE, 2020.

HARVEY, D. **Condição Pós-Moderna**: Uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. 6 ed. São Paulo: Loyola, 1996.

HARVEY, D. **17 Contradições e o Fim do Capitalismo**. São Paulo: Boitempo, 2016.

LENCIONI, S. Condições Gerais de Produção: Um conceito a ser recuperado para a compreensão das desigualdades de desenvolvimento regional. **Scripta Nova. Revista electrónica de geografia y ciencias sociales**. Barcelona: Universidad de Barcelona, 1 de agosto de 2007, vol. XI, núm. 245 (07). Disponível em: http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-24507.htm [ISSN: 1138-9788].

LENCIONI, S. Condições Gerais de Produção e Espaço-tempo nos Processos de Valorização e Capitalização. *In*.: RUFINO, B.; FAUSTINO, R. WEBHA, C. **Infraestrutura na reestruturação do capital e do espaço***:* análises em uma perspectiva crítica. São Paulo: Letra Capital, 2021. pp. 37-60.

LIMA, Flávio Ribeiro de. **Sobre o processo de industrialização na formação socioespacial brasileira**: uma interpretação crítica com ênfase na indústria têxtil, de 1930 aos dias atuais. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Geociências, Campinas, SP, 2023.

MAIA D. S.; CARDOSO C. A.; ALONSO S. F.; BEZERRA R. S. Campina Grande: Dinâmica Econômica e Reestruturação urbana. Permanências e Transformações. *In*.: ELIAS, D; SPOSITO, M. E. B.; SOARES, B. R. (Org.). **Agentes econômicos e reestruturação urbana e regional**: Campina Grande e Londrina/ 1 ed. – São Paulo: Outras Expressões, 2013.

MANDEL, E. **O capitalismo tardio**. 2. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1985.

MARX, K. O capital, livro I: **crítica da economia política**: livro 1: o processo de produção do capital. 2. Ed. São Paulo: Boitempo, 2011.

MARX, K. O Capital, livro II: **o processo de circulação do capital**. São Paulo: Boitempo, 2014.

MIYAZAKI, V. K. **Um estudo sobre o processo de aglomeração urbana**: Álvares Machado, Presidente Prudente e Regente Feijó. 2008. 171 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) –Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2008.

MOURA, R. **Arranjos urbano-regionais no Brasil**: uma análise com foco em Curitiba. Tese (Doutorado em Geografia), Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2009.

MOURA, R.; PÊGO, B. Aglomerações urbanas no Brasil e na América do Sul: trajetórias e novas configurações. **Textos para discussão Ipea**, v. 2.203, p. 84, 2016.

MOURA, R.; CASTELLO BRANCO, M. L. G.; FIRKOWSKI, O. L. C. de F. Movimento pendular e perspectivas de pesquisas em aglomerados urbanos. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo: Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados - Seade, v. 19, n. 4, p. 121-133, out./dez. 2005.

PEREIRA, W. E. N. **Reestruturação do Setor Industrial e Transformação do Espaço Urbano de Campina Grande** – PB a partir dos anos 1990. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), 2008.

PEREIRA, D. M.F. **Reestruturação espacial e produtiva na indústria de calçados de Campina Grande-PB**: espaço e trabalho no regime de acumulação flexível. João Pessoa, PB, Dissertação, Departamento de Geografia, UFPB, 2021.

PEREIRA, D. M.F. **Vão-Se Os Calçados, Ficam as Fábricas e o Desemprego**: O fechamento recente de unidades produtivas das Alpargatas S.A na Paraíba. Anais do XV ENANPEGE... Campina Grande: Realize Editora, 2023. Disponível em: https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/94344. Acesso em: 22/02/2025.

PEREIRA JÚNIOR, E. A. A Indústria de Calçados no Brasil Diante da Reestruturação Territorial e Produtiva. *In.*: SPOSITO, E. S. (Org.). **O novo mapa da indústria no início do século XXI** [recurso eletrônico]. 1. ed. São Paulo: Editora da Unesp Digital, 2015a.

PEREIRA JÚNIOR, E. A. Dinâmicas industriais e urbanização no Nordeste do Brasil. ***Mercator.*** v. 14, p. 63-81, 2015b. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/mercator/v14nspe/1984-2201-mercator-14-04-spe-0063.pdf.

PMCG - PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPINA GRANDE**. Lei Complementar Nº 116**. Institui o Novo Código Tributário do Município de Campina Grande e dá outras Providências. De 14 De Dezembro De 2016.

QUEIROZ, I.S. **A metrópole do Cariri**: institucionalização no âmbito estadual e a dinâmica urbano-regional da aglomeração do Crajubar. 2013. 203f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Urbano) - Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2013.

REOLON, C. A.; MIYAZAKI, V. K. Cidades Médias: um Viés pelos Deslocamentos Pendulares. **Espaço Aberto**, v. 5, n. 1, p. 49–71, 11 jun. 2015. DOI: https://doi.org/10.36403/espacoaberto.2015.3314

RODRIGUES, A. M. Estatuto da Cidade: função social da cidade e da propriedade. Alguns aspectos sobre população urbana e espaço. **Cadernos Metrópoles**, 12[1] 9-25, 2004. Disponível em: https://revistas.pucsp.br/index.php/metropole/article/view/8807.

SANTOS, M. **A Natureza do Espaço**: Técnica e Tempo. Razão e Emoção. São Paulo: Hucitec, 1997.

SANTOS, M. **A Urbanização Brasileira** – 5, d., 3. reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013.

SINGER, P. **A crise do "milagre"**. Interpretação crítica da economia brasileira. 4ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.